

Diagnóstico da Floricultura do Estado de São Paulo

SILVIA TOLEDO ARRUDA¹; MÁRIO PIRES DE ALMEIDA OLIVETTE¹ e

CARLOS EDUARDO FERREIRA DE CASTRO²

¹ Instituto de Economia Agrícola - Av. Miguel Stéfano, 3900, CEP 04301-900, São Paulo (SP)

² Seção de Floricultura e Plantas Ornamentais, Instituto Agronômico, Caixa Postal 28, CEP 13001-970, Campinas (SP)

1. INTRODUÇÃO

A floricultura no Estado de São Paulo manteve-se por muitas décadas pouco desenvolvida e tecnicizada, caracterizando-se como uma atividade conduzida de forma amadorística. A situação foi sendo gradativamente alterada com o crescimento e especialização da produção e atualmente está consolidada como uma atividade de importância sócio-econômica no Estado.

O mercado brasileiro de flores e plantas ornamentais movimenta, anualmente, cerca de um bilhão de reais, sendo o Estado de São Paulo responsável por 70%.

Segundo estimativas de especialistas do setor, existe, para os próximos anos, expectativas de crescimento anual de 20%, com incrementos proporcionais para os principais segmentos da cadeia produtiva, ou seja, produção, distribuição e comercialização. O primeiro segmento responde por 30% do faturamento global do setor, o segmento da distribuição por 20%, as empresas de acessórios, por 10% e os pontos de venda, por 40%.

De modo geral, a produção é desenvolvida em pequenas propriedades, cerca de 1.500, com área média cultivada de 2,5 hectares, com marcante característica de produção familiar. Na produção estão trabalhando cerca de 13.000 pessoas e, na distribuição, mais 2.000. O varejo é o segmento que envolve o

maior número de profissionais do mercado de flores, existindo, no Estado de São Paulo, aproximadamente, 2.500 estabelecimentos que empregam 12.500 pessoas. Na indústria de insumos e acessórios estão 1.000 funcionários. O setor como um todo é responsável pela geração de 28.500 empregos diretos, aproximadamente.

A produção do Estado é voltada, quase que exclusivamente, ao mercado interno, sendo que a distribuição é realizada através de empresas atacadistas que se abastecem, principalmente, em três grandes centros de comercialização: o mercado de flores da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), o Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais da Central de Abastecimento S/A de Campinas (CEASA) e Veiling Holambra, que vem a ser o leilão de flores e plantas ornamentais realizado diariamente nas dependências da Cooperativa Agropecuária Holambra.

O valor referente às exportações, que vem se mantendo nos últimos anos em torno de 10 milhões de dólares, é bastante tímido, representando 1,25% do valor global gerado pelo setor, sendo bulbos e mudas de plantas ornamentais os principais produtos exportados.

O objetivo deste trabalho é analisar os dados coletados sobre atividades e elaborar o diagnóstico da floricultura no Estado de São Paulo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Em 1995, o Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR) realizou entrevista com 484 produtores do Estado de São Paulo, cerca de 1/3 da população de floricultores que é estimada em 1.500. Esses produtores distribuíam-se em 54 municípios, abrangendo 1.083 hectares cultivados com variedades de flores para corte, vasos e mudas, além de forrações, gramasebulbos. Cada produtor, com o auxílio de um monitor, preencheu um questionário que continha informações sobre a propriedade, a produção, pragas e doenças, comercialização da produção e mão-de-obra empregada na produção.

Com os dados levantados, foram feitas análises dos seguintes tópicos:

- localização da floricultura no Estado;
- tipos de cultivo, espécies produzidas e área cultivada;
- sistemas de comercialização e principais pontos de venda;
- número de empregos e salários e
- principais doenças, pragas e defensivos agrícolas.

Para uma análise mais detalhada dos itens referentes aos tipos de cultivo, espécies produzidas e área cultivada, o levantamento considerou quatro categorias de produtos: 1) flores e ornamentais para corte; 2) flores e ornamentais para vaso; 3) mudas de flores e ornamentais e 4) outros produtos da floricultura.

3. RESULTADOS

3.1. Localização da floricultura

A maior parte dos municípios que desenvolvem a floricultura como atividade comercial situa-se a uma distância média de até 100 km da cidade de São Paulo. Esses municí-

pios estão próximos de importantes rodovias do Estado, como Fernão Dias, D. Pedro I, Dutra, Raposo Tavares e Regis Bittencourt e são esses municípios que constituem as principais regiões produtoras de flores e plantas ornamentais, como a região de Holambra, compreendida por produtores filiados à Cooperativa Agropecuária HOLAMBRA; região de Atibaia, onde grande parte dos produtores são associados da Associação dos Produtores de Flores e Plantas de Atibaia (PROFLOR); região de Ibiúna, Cotia, São Roque e Embú, com produtores associados à Associação dos Produtores de Flores e Plantas da Região de Cotia (APROFLORA); região de Arujá, Mogi das Cruzes e Vale do Paraíba, onde se localizam a Associação dos Floricultores da Região Dutra (AFLORD) e Associação Suzanense de Floricultura.

Além dessas regiões, destacam-se, ainda, como importantes núcleos produtores, o município de Paranapanema, localizado a 273 Km da capital, onde se encontra instalada a Cooperativa Agroindustrial HOLAMBRA também denominada HOLAMBRA II, e os municípios do Vale do Ribeira: Miracatu, Juquiá, Registro e Pariquera-Açu, a cerca de 200 km da capital paulista. Em Miracatu, está instalada a Associação dos Produtores de Flores, Plantas e Mudas Ornamentais e Frutíferas do Vale do Ribeira (AFLOVAR), com grande número de produtores associados (Figura 1).

Nas regiões mencionadas, a floricultura encontra-se melhor organizada graças à atuação das cooperativas e associações, à proximidade com a cidade de São Paulo – o maior centro consumidor do país – e à facilidade de escoamento da produção para outros centros de consumo.

A Tabela 1 apresenta os dados sobre a produção de flores e plantas ornamentais do Estado de São Paulo, dos 484 produtores entrevistados. Considera os grupos flores e folhagens de corte, flores e plantas envasadas,

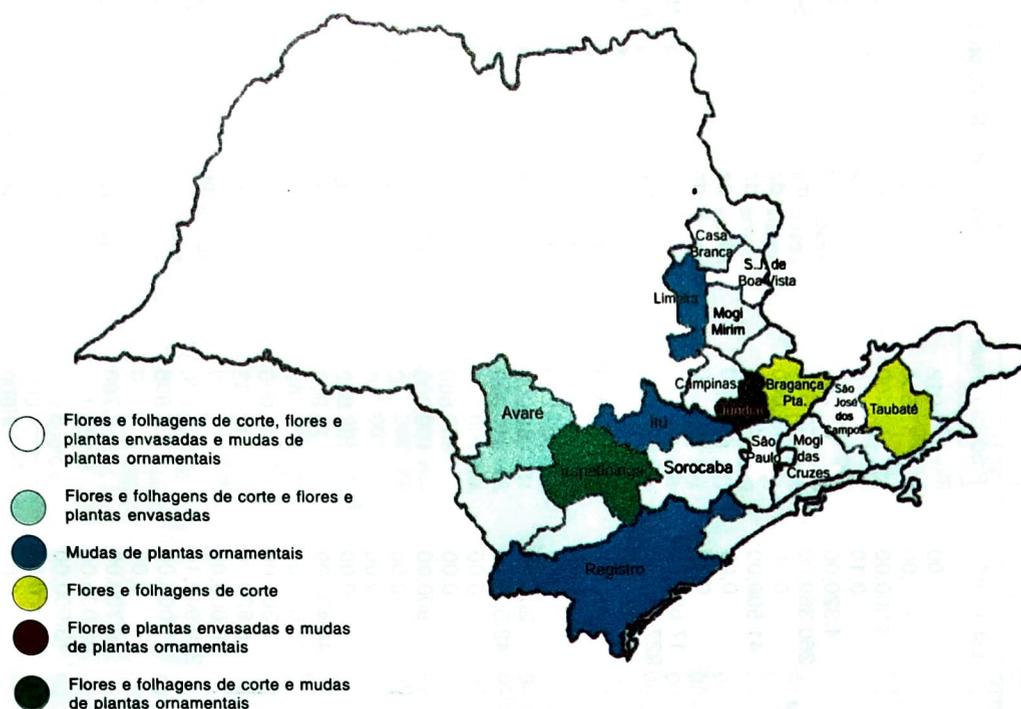


Figura 1. Distribuição da produção de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo considerando os principais municípios produtores e grupo de produtos.

Fonte: Resultados da pesquisa.

mudas de plantas ornamentais e outros produtos da floricultura, bem como o tipo de cultivo, a céu aberto, sob telado ou em estufa, produção anual, unidade de produção e número de produtores envolvidos com a atividade. Esses dados são utilizados para as discussões subseqüentes.

3.2. Tipos de cultivo e áreas

Do total da área cultivada, declarada no levantamento, e considerando os 484 produtores entrevistados, 65% é de cultivo em céu aberto, 3% de cultivo sob telado e 32% sob estufas, independentemente da estrutura, ser de madeira ou metálica (Figura 2).

A céu aberto são produzidas, predominantemente, mudas de plantas ornamentais e variedades de flores e folhagens para corte, com participação de 47% e 36%, respectivamente; o restante da área, 17%, é ocupado com a produ-

ção de bulbos, grama e outros produtos da floricultura (Figura 3). Sob telado, 44% da área é ocupada com a produção de flores e ornamentais envasadas; 23% com variedades para corte e 33% com produção de mudas (Figura 4). Sob estufas, os dados são os seguintes: em 50% da área, cultivam-se variedades para corte; em 32%, variedades envasadas e em 18%, mudas e ornamentais (Figura 5).

3.2.1. Flores e folhagens de corte

No que se refere à produção de flores e folhagens para corte, os dados mostram uma área cultivada de 436 ha, sendo a maior parte das variedades cultivada em estufas, ocupando uma área de 175 hectares. Dentre as espécies, destacam-se o crisântemo, cultivado em 54% da área; a gipsofila, em 15%; rosas e orquídeas, em 5% cada uma; lisianto, em 3%; gérberas, em 2% e as demais em 16% da área sob estufas (Figura 6).

colocar

Tabela 1. Informações sobre a produção de flores e plantas ornamentais do Estado de São Paulo. Total de produtores entrevistados: 484; número de produtores que declararam a produção: 391. Grupo A - Flores e Folhagens de Corte:

Produto	N.º de pés em cultivo	Céu aberto (ha)	Telado (m ²)	Estufa(m ²)	Produção anual	Unid. Prod.	N.º de produtores
ANGÉLICA	5 mil/pés	0,00	0,00	0,00	1.012	dz	2
ANTÚRIO	63 mil/pés	0,00	12.200,00	8.191,00	37.500	dz	7
ASPARGO	6 mil/pés	1,00	0,00	3.000,00	12.400	pc	2
ASTER	0	2,30	0,00	3,10	0	dz	2
BOCA DE LEÃO	1 mil/pés	0,00	0,00	4.320,00	14.200	mç	5
BRANQUINHA	55 mil/pés	0,50	0,00	260.360,00	712.580	mç	54
CALATEIA	3 mil/pés	0,00	300,00	0,00	5.000	dz	1
CATLEYS E AFINS	192 mil/pés	0,00	5.700,00	41.500,00	49.667	dz	8
COPO DE LEITE	0	0,00	0,00	0,00	0	dz	1
CRAVINA	10 mil/pés	0,00	0,00	0,00	0	dz	1
CRAVO	0	2,00	0,00	17.600,00	67.600	dz	10
CRISÂNTEMO	314 mil/pés	21,98	11.000,00	927.545,00	3.831.520	mç	86
CYMBIDIUM	71 mil/pés	0,00	18.400,00	210,00	53.672	dz	8
DÁLIA	3 mil/pés	2,21	0,00	1.680,00	67.833	mç	3
DENDROBIUM	10 mil/pés	0,00	600,00	0,00	0	dz	1
DRACENA	30 mil/pés	1,00	1.000,00	0,00	1.200	mç	4
ESTRELÍCIA	64 mil/pés	9,00	0,00	200,00	89.000	dz	5
GERBERA	90 mil/pés	0,00	0,00	42.592,00	341.000	dz	5
GIRASSOL	0	0,60	0,00	0,00	0	mç	1
GLADIOL	0	29,50	0,00	0,00	654.666	mç	3
HELICONIA	35 mil/pés	5,00	0,00	900,00	100.000	dz	2
HORTÊNCIA	0	0,50	0,00	0,00	0	dz	1
LATANIA	1 mil/pés	0,00	0,00	0,00	0	dz	1
LÍRIO	5 mil/pés	6,80	4.000,00	0,00	198.000	dz	5
LIZIANTHUS	0	0,10	0,00	44.400,00	70.800	dz	8
MARGARIDA	0	1,52	0,00	10.000,00	500	dz	3
MINI ROSA	18 mil/pés	0,00	0,00	5.300,00	60.000	mç	7
ONCYDIUM	204 mil/pés	0,05	8.890,00	6.820,00	34.133	mç	7
ORQUÍDEAS	0	0,00	0,00	20.000,00	0	mç	2
OUTRAS FLORES	170 mil/pés	15,84	1.000,00	229.940,10	1.528.000	mç	27
OUTRAS FOLHAGENS	0	4,50	18.000,00	11.000,00	120.800		9
PETÚNIA	0	0,00	0,00	0,00	0	dz	1
PHALAENOPSIS	45 mil/pés	0,00	0,00	9.700,00	6.700	dz	4
ROSA	3.056 mil/pés	146,58	0,00	93.000,00	5.180.100	dz	64
SAMAMBAIA	60 mil/pés	0,90	0,00	13.500,00	5.000	mç	8
STATICE	0	0,95	0,00	0,00	1.000	dz	2
TULIPA	0	0,00	0,00	0,00	1.000	dz	1
ZINEA	0	0,03	0,00	0,00	400	dz	1
Total da Área do Grupo A:		252,86	81.090,00	1.741.761,20			

Continua

Tabela 1. Continuação
 Total de produtores entrevistados: 484; número de produtores que declararam a produção: 391.
 Grupo B - Flores e Plantas Envasadas:

Produto	N.º de pés em cultivo	Céu aberto (ha)	Telado (m²)	Estufa(m²)	Produção anual	Unid. Prod.	N.º de produtores
AMARILIS	4.000 vasos	0,00	100,00	0,00	60.000	vasos	1
ANGÉLICA	0 vasos	0,30	0,00	0,00	0	vasos	1
ARDÍZIA	30.000 vasos	0,00	1.000,00	0,00	15.000	vasos	1
AVENCA	100.000 vasos	0,00	0,00	15.000,00	300.000	vasos	3
AZALÉIA	1.615.000 vasos	0,00	68.925,00	59.606,00	2.864.600	vasos	24
BEGÔNIA	65.400 vasos	0,00	0,00	14.050,00	35.000	vasos	7
BRINCO DE PRINCESA	5.000 vasos	0,00	0,00	100,00	0	vasos	1
CACTOS	404.000 vasos	0,60	0,00	4.000,00	226.564	vasos	2
CALCEOLÁRIA	20.000 vasos	0,00	0,00	4.500,00	0	vasos	2
CATHEYAS E AFINS	175.000 vasos	0,00	2.000,00	12.000,00	33.000	vasos	7
CICLAMEN	204.000 vasos	0,00	0,00	22.000,00	352.000	vasos	7
CRAVO	15.000 vasos	0,00	0,00	1.000,00	0	vasos	1
CRISÂNTEMO	264.300	0,00	0,00	153.040,00	2.182.200	vasos	36
CYMBIDIUM	186.500 vasos	0,00	31.900,00	8.200,00	83.200	vasos	15
DENDROBIUM	529.000 vasos	0,00	100,00	34.100,00	227.200	vasos	12
DIEFENBACHIA	66.000 vasos	0,00	0,00	8.000,00	205.000	vasos	3
DRACENA	2.300 vasos	0,10	0,00	0,00	100	vasos	4
ESPATIFILO	756.000 vasos	0,00	2.250,00	61.700,00	726.500	vasos	6
EUPHORBIA	169.000 vasos	0,00	5.000,00	22.650,00	394.000	vasos	10
FIGUS	36.700 vasos	0,00	32.500,00	2.050,00	127.000	vasos	9
FITONIA	17.500 vasos	0,00	0,00	800,00	112.000	vasos	3
FLOR DE MAIO	1.000 vasos	0,00	0,00	2.400,00	400	vasos	2
GERÂNIO	10.000 vasos	0,00	0,00	1.000,00	10.000	vasos	2
GERBERA	60.000 vasos	0,00	0,00	4.786,00	280.000	vasos	2
GIBÓIA	72.500 vasos	0,00	0,00	5.900,00	180.000	vasos	4
GLOXÍNIA	207.000 vasos	0,00	0,00	29.500,00	489.000	vasos	13
HORTÉNCIA	270.000 vasos	0,00	0,00	17.000,00	141.800	vasos	7
IMPATIENS	0 vasos	0,00	0,00	5.500,00	157.600	vasos	2
KALANCHOE	220.138 vasos	0,00	0,00	7.457,00	870.717	vasos	2
LÍRIO	0 vasos	0,00	0,00	0,00	2.160	vasos	1
LIZIANTHUS	87.500 vasos	0,00	0,00	7.100,00	117.000	vasos	6
MINI ROSA	177.000 vasos	0,50	400,00	9.420,00	929.000	vasos	4
MINI CRISÂNTEMO	0 vasos	0,00	0,00	5.860,00	230.000	vasos	1
OUTRAS	199.500 vasos	0,00	4.000,00	101.400,00	729.800	vasos	26
PHALAENOPSIS	65.000 vasos	0,00	1.200,00	10.700,00	79.200	vasos	7
PHILODENDRO	93.500 vasos	0,20	1.700,00	25.500,00	214.500	vasos	14
POINSENTIA	320.000 vasos	0,00	0,00	16.700,00	388.800	vasos	3
PRÍMULA	30.000 vasos	0,00	0,00	62.500,00	430.000	vasos	3
RANUNCULUS	0 vasos	0,00	0,00	500,00	30.000	vasos	1
SAMAMBAIA	408.000 vasos	0,00	3.500,00	259.611,00	1.123.780	vasos	24
SYNGONIO	6.000 vasos	0,00	0,00	900,00	37.000	vasos	3
TULIPA	0 vasos	0,00	0,00	0,00	100.000	vasos	1
VIOLETA AFRICANA	855.000 vasos	0,00	0,00	119.344,00	7.846.600	vasos	24
Total da Área do Grupo B:		1,70	1.154.575,00	1.115.874,00	22.33.721	vasos	

Continua

Tabela 1. Continuação

Total de produtores entrevistados: 484; número de produtores que declaram a produção: 391.
Grupo C: Mudas de Plantas Ornamentais:

Produto	N.º de pés em cultivo	Céu aberto (ha)	Telado (m²)	Estufa(m²)	Produção anual	Unid. Prod.	N.º de produtores
ÁRVORES ORNAMENTAIS	12.341.000 mudas	132,08	4.000,00	4.000,00	26.104.600	mudas	12
AZALÉIA	400.000 mudas	0,00	13.000,00	0,00	200.000	mudas	2
BEGÔNIA	0 mudas	0,00	0,00	100,00	38.400	mudas	2
BOCA DE LEÃO	0 mudas	0,00	0,00	0,00	0	mudas	3
BRINCO DE PRINCESA	0 mudas	0,00	0,00	0,00	0	mudas	1
BROMÉLIA	250.000 mudas	0,00	0,00	20.000,00	140.000	mudas	1
CACTOS	100.800 mudas	0,20	0,00	1.000,00	220.000	mudas	1
CAMARÃO	60.000 mudas	0,00	1.500,00	0,00	50.000	mudas	1
CINERÁRIA	0 mudas	0,00	0,00	1.000,00	75.000	mudas	1
CRAVÍNIA	0 mudas	0,00	0,00	200,00	0	mudas	5
CRISÂNTEMO	240.000 mudas	1,50	0,00	31.200,00	9.098.800	mudas	3
DRACENA	154.000 mudas	2,50	0,00	0,00	50.000	mudas	4
ERICA JAPONICA	10.000 mudas	0,60	0,00	0,00	25.000	mudas	1
ESPATIFILO	4.000 mudas	0,00	120,00	0,00	4.000	mudas	1
FORRAÇÃO	1.040.000 mudas	8,22	40.000,00	271.680,00	6.573.000	mudas	14
GERÂNIO	3.000 mudas	0,00	0,00	250,00	15.000	mudas	2
HORTÊNCIA	0 mudas	0,00	100,00	0,00	10.000	mudas	1
IMPATIENS	5.000 mudas	0,00	0,00	200,00	20.250	mudas	2
IPÊ	1.000 mudas	0,02	0,00	0,00	0	mudas	1
LATÂNIA	78.000 mudas	0,10	0,00	0,00	78.000	mudas	1
MARGARIDA	5.000 mudas	0,00	0,00	200,00	20.250	mudas	1
MINI CRAVO	0 mudas	0,00	0,00	0,00	0	mudas	1
MINI ROSA	115.000 mudas	1,41	0,00	15.650,00	2.142.000	mudas	14
ORQUÍDEA	407.500 mudas	0,00	50,00	13.200,00	753.500	mudas	7
OUTRAS	2.108.050 mudas	33,52	40.700,00	190.088,50	15.670.000	mudas	31
PALMEIRAS	320.300 mudas	60,50	200,00	6.030,00	265.000	mudas	10
PETÚNIA	0 mudas	0,05	0,00	1.000,00	278.600	mudas	4
EUCALIPTO PARA HASTES	0 mudas	0,00	0,00	0,00	0	mudas	1
ROSA	300.000 mudas	3,48	0,00	13.290,00	810.000	mudas	10
SÁLVIA	5.000 mudas	0,00	0,00	200,00	20.250	mudas	1
SAMAMBAIA	0 mudas	0,00	2.000,00	204,00	41.160	mudas	2
STATICE	0 mudas	0,00	0,00	0,00	0	mudas	1
TUIAS/CIPRESTES	366.000 mudas	54,91	3.400,00	15.200,00	981.500	mudas	13
VIOLETAS	0 mudas	0,00	0,00	1.209,00	416.000	mudas	1
Total da Área do Grupo C:		299,09	105.070,00	585.901,50	64.100.310	mudas	

Continua

Tabela 1. Conclusão

Total de produtores entrevistados: 484; número de produtores que declararam a produção: 391.

Grupo D - Outros Produtos de Floricultura:

Produto	N.º de pés em cultivo	Céu aberto (ha)	Telado (m ²)	Estufa (m ²)	Produção anual	Unid. Prod.	N.º de produtores
ASPARGO	0	0,00	12.000,00	0,00	19.200	mç	1
AZALÉIA	1.200 mil/pés	0,00	0,00	0,00	1.200	mil/pés	1
BULBOS AMARILIS	0	22,00	0,00	0,00	4.280.000	un	2
BULBOS GLADIOLOS	0	42,00	0,00	0,00	31.000.000	un	1
BULBOS LÍRIO	0	15,00	0,00	0,00	2.200.000	un	1
EUCALIPTO	300.000 mudas	0,15	0,00	0,00	1.000.000	mudas	1
EUCALIPTO HASTES	0	2,10	0,00	0,00	13.920.000	mç	2
FLORES SECAS	0	7,70	0,00	500,00	138.000	mç	3
GRAMA	0	30,00	0,00	0,00	360.000	m ²	2
OUTRAS	50.000 pés	0,00	5,00	0,00	10.000		1
TRONCOS DRACENAYUCA	800.000 mil/pés	30,00	0,00	0,00	0	t	1
Total da Área do Grupo D		148,95	12.005,00	500,00			
Total Geral das Áreas		Céu Aberto(ha) 702,60	Telado (m ²) 352.740,00	Estufa (m ²) 3.454.036,70			

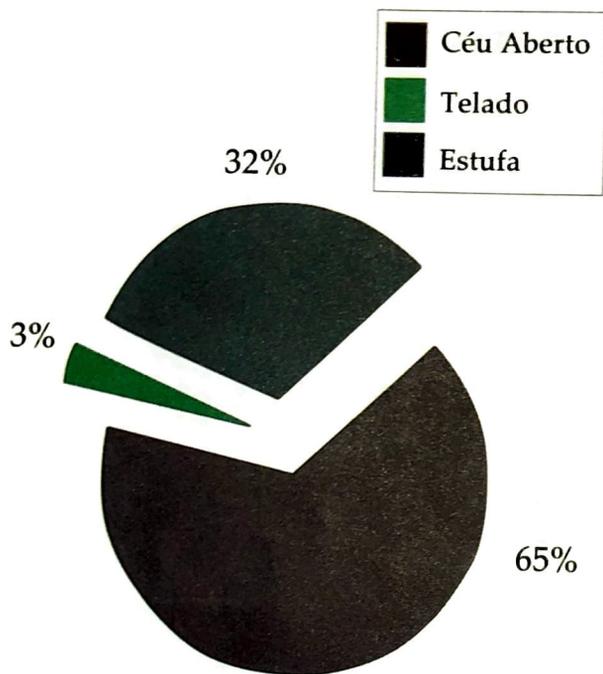


Figura 2. Principais tipos de cultivo de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo.

Fonte: Resultados da pesquisa.

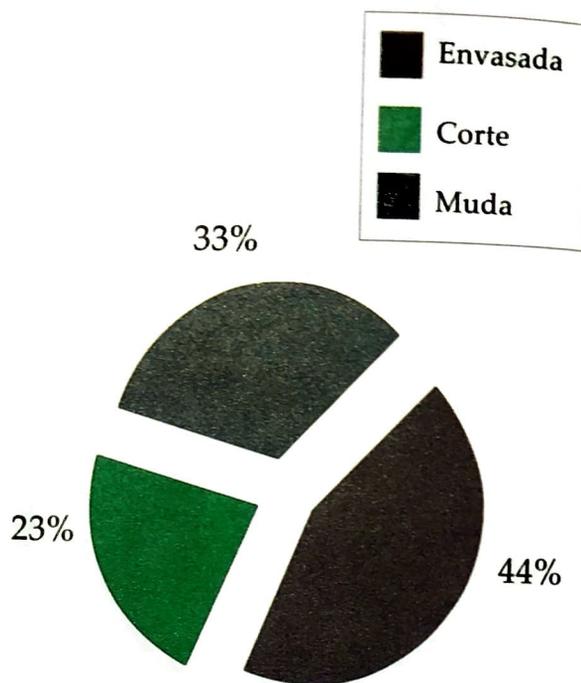


Figura 4. Distribuição da produção por categoria no cultivo em telado.

Fonte: Resultados da pesquisa.

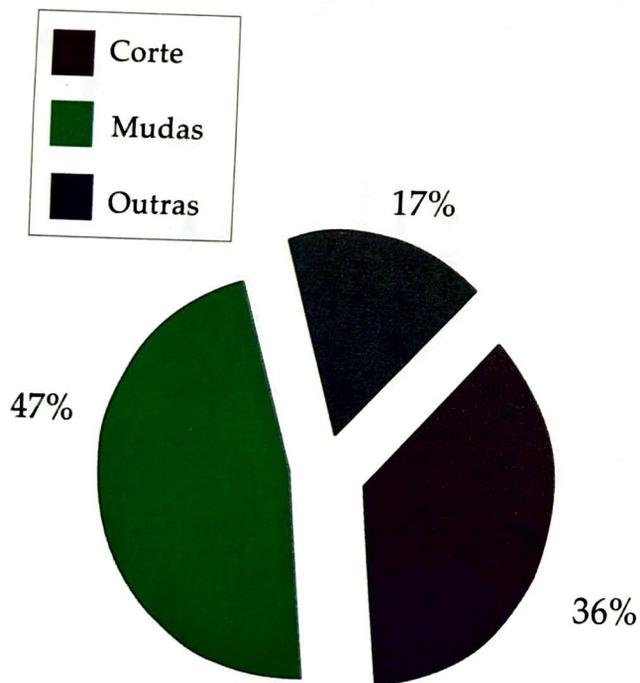


Figura 3. Distribuição da produção por categoria no cultivo em céu aberto.

Fonte: Resultados da pesquisa.

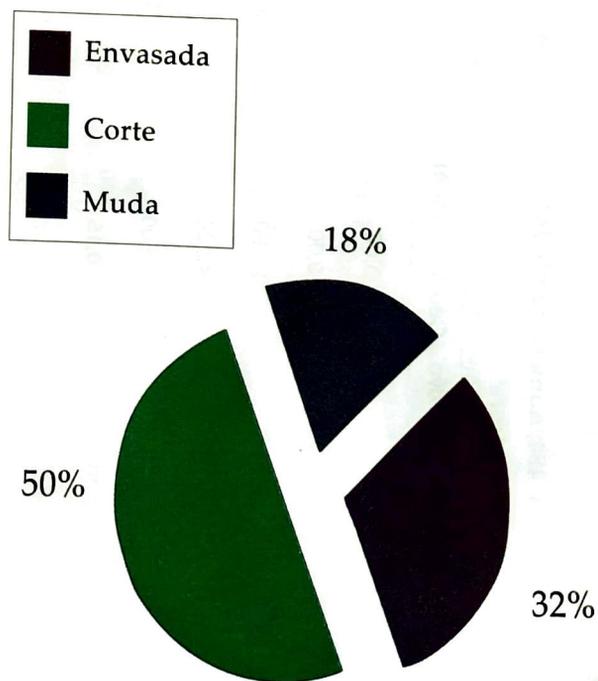


Figura 5. Distribuição de produção por categoria no cultivo em estufa.

Fonte: Resultados da pesquisa.

Os crisântemos e as rosas são também cultivados em céu aberto. Esse tipo de cultivo, para as variedades de corte, ocupa uma área de 253 hectares e as rosas e os crisântemos são cultivados em 60 e 9%, respectivamente. Os gladiolos, cultivados somente em céu aberto, ocupam 12% da área (Figura 7).

Sob telado, cuja área é de 8 hectares, os principais cultivos são: orquídeas, com 55% da área; antúrios, com 19%; crisântemos, com 18%; lírios, com 6% e outras espécies com 2% (Figura 8).

3.2.2. Flores e plantas ornamentais em vaso

O levantamento mostrou que a área ocupada com os cultivos de flores e plantas ornamentais envasadas, considerando os 484 produtores entrevistados, é de 128,7 hectares, dos quais 85% estão sob estufas, 14% sob telado e 1% a céu aberto (Figura 9). Dentre as flores cultivadas em estufas, as principais espécies, considerando a área de produção, são os crisântemos, a violeta africana, a primula, a azaléia, a gloxínia, a poinsetia e as diversas variedades de orquídeas, como os dendróbios, catleias e falenopsis (*Phalaenopsis*) (Figura 10). Quanto às ornamentais, os destaques são para as samambaias, espatifilos e filodendros (Figura 11).

Algumas variedades de flores e ornamentais também são cultivadas sob telado, como azaléias, orquídeas, samambaias, ficus e outras. Em céu aberto aparecem os cactos, as dracenas e a mini-rosa.

3.2.3. Mudanças de flores e plantas ornamentais

A área cultivada com mudas de flores e plantas ornamentais é de 520 hectares, dos quais 448 são de cultivos em céu aberto e o restante sob estufas e telados.

Os principais produtos cultivados em céu aberto são: palmeiras, tuias e ciprestes que ocupam 32% da área; as mudas de árvores ornamentais ocupam 30%; os bulbos de amarílis, gladiolos e lírios, 18% e o restante é ocupado com outros produtos (Figura 12).

Em estufas e telados os principais cultivos são os de forrações, samambaias, rosas e mini-rosas.

3.3. Sistemas de comercialização

A comercialização da produção do Estado de São Paulo está concentrada praticamente em três centros: Mercado de Flores da CEAGESP, Mercado Permanente de Flores da CEASA-Campinas e Veiling Holambra. Nos dois primeiros são comercializados 53% da produção e no Veiling 29%. Uma pequena parcela, cerca de 13%, é comercializada diretamente nas propriedades, em transações que envolvem o produtor e o atacadista ou varejista. Os produtores da região de Parapanema comercializam a produção através da própria cooperativa, sendo que o volume transacionado representa, aproximadamente, 3% da produção global do Estado. Outras formas de vendas são feiras-livres, supermercados e *cash carry*, mas representam apenas 2%.

Essas participações variam quando os dados são analisados por região ou mesmo por município. Assim, os municípios que constituem as regiões de Atibaia e Ibiúna comercializam cerca de 80% da produção na CEAGESP e na CEASA-Campinas e 20% diretamente nas propriedades; na região da Rodovia Presidente Dutra (Suzano e Arujá principalmente), os percentuais são de 70 e 30%, respectivamente.

As regiões de Holambra e Parapanema comercializam 95% da produção diretamente nas cooperativas e a produção do Vale do Ribeira é quase toda vendida nas propriedades para atacadistas (Figura 13).

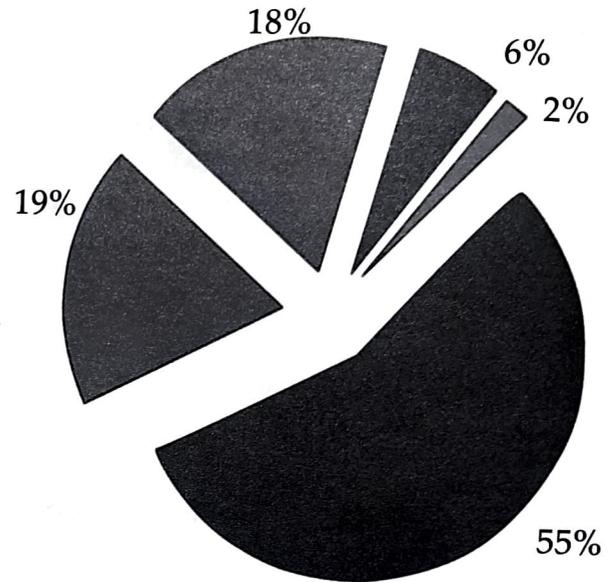
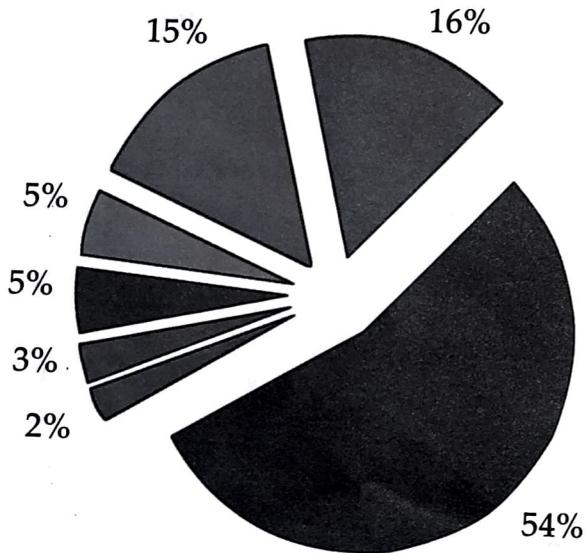
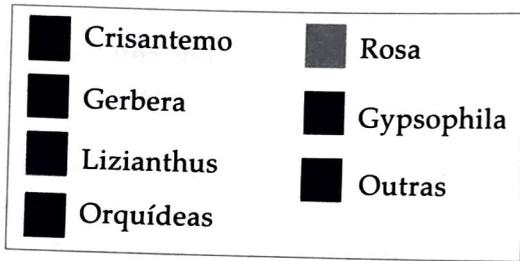


Figura 6. Participação percentual das principais espécies de flores de corte em estufa.

Figura 8. Participação percentual das principais espécies de flores de corte em telado.

Fonte: Resultados da pesquisa.

Fonte: Resultados da pesquisa.

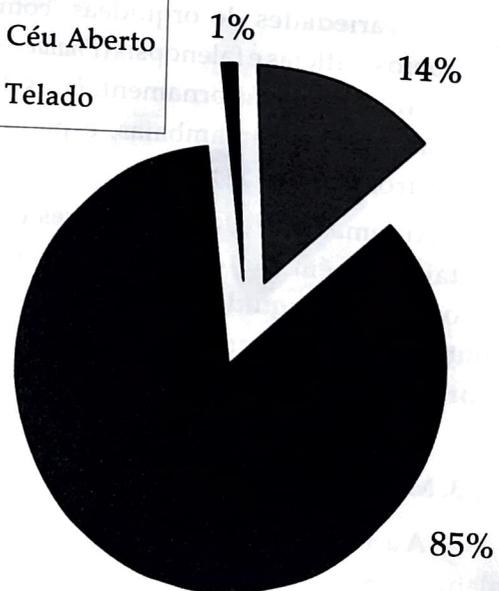
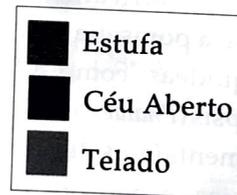
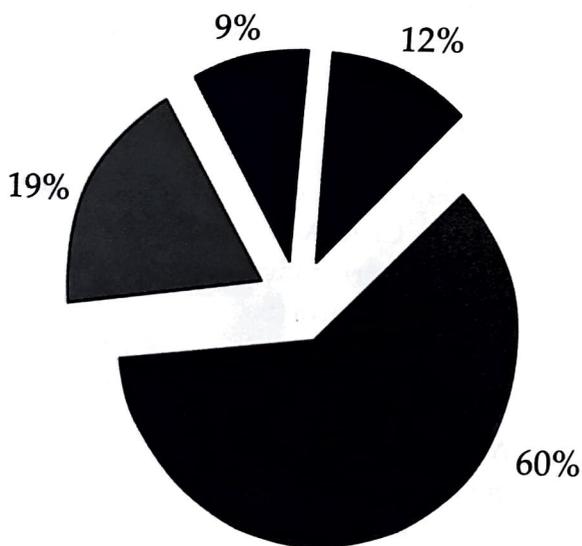
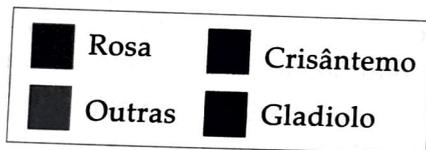


Figura 7. Participação percentual das principais espécies de flores de corte em céu aberto.

Figura 9. Participação percentual da área cultivada com flores e plantas ornamentais envasadas, nos diferentes tipos de cultivo.

Fonte: Resultados da pesquisa.

Fonte: Resultados da pesquisa.

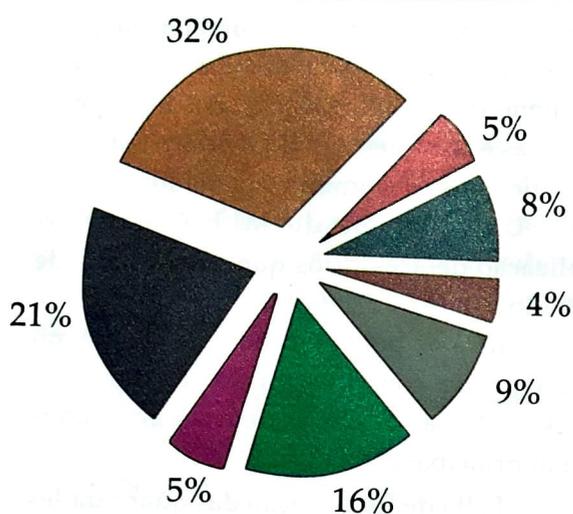
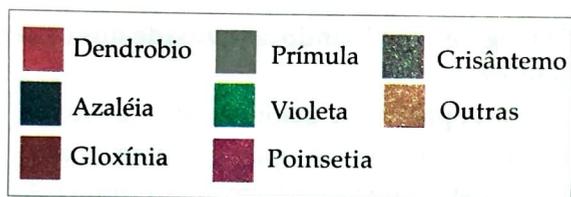


Figura 10. Participação percentual das principais espécies de floríferas envasadas cultivadas sob estufas.

Fonte: Resultados da pesquisa.

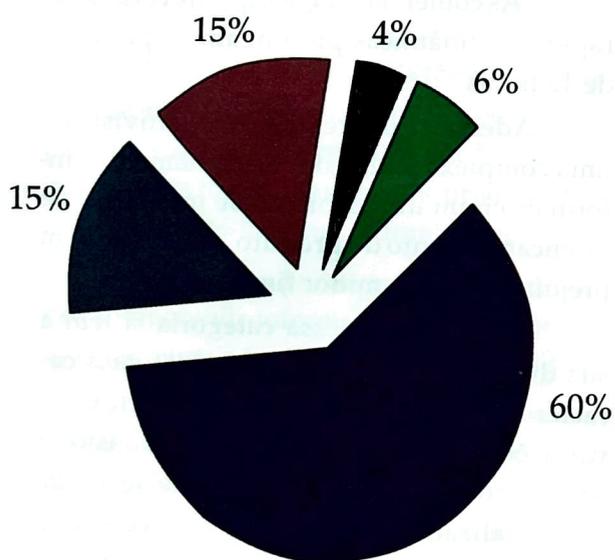
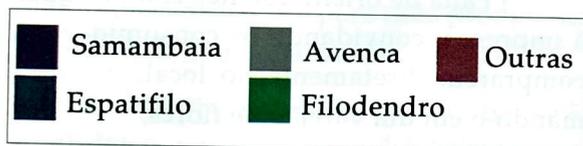


Figura 11. Participação percentual das principais espécies de ornamentais envasadas cultivadas sob estufas.

Fonte: Resultados da pesquisa.

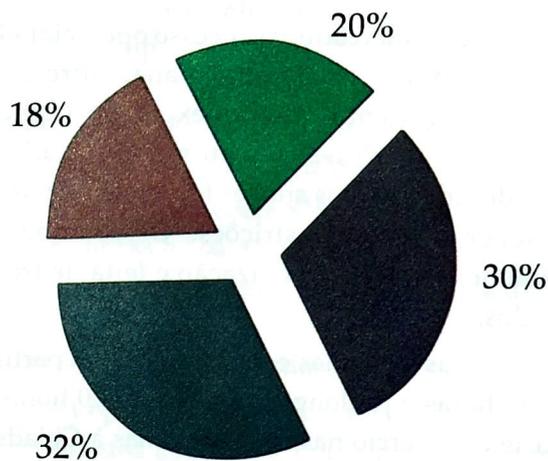
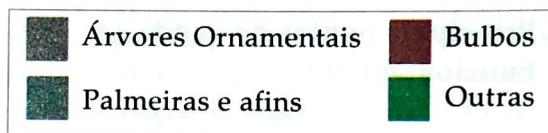


Figura 12. Participação percentual das principais plantas ornamentais cultivadas em céu aberto.

Fonte: Resultados da pesquisa.

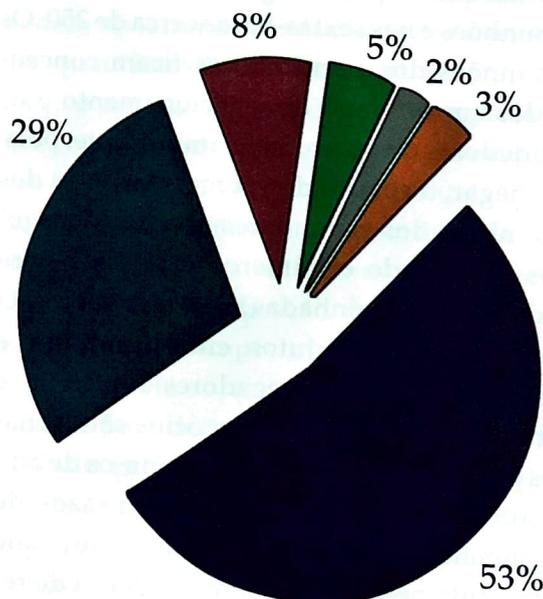
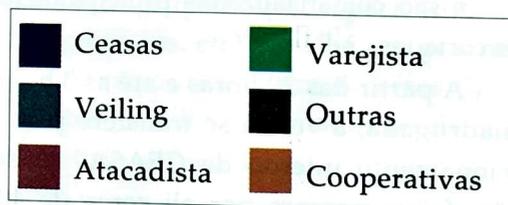


Figura 13. Principais canais de comercialização da produção paulista.

Fonte: Resultados da pesquisa.

3.4. Principais pontos de venda - Funcionamento

3.4.1. CEAGESP/São Paulo

Nesse mercado, o processo operacional acontece duas vezes por semana, entre segunda/terça e entre quinta/sexta-feira. Como o mercado de flores cresceu muito nas últimas décadas, vários ajustes foram feitos para a superação das restrições. Desse modo, atualmente, a comercialização é feita de três modos:

- Nas segundas e quintas-feiras, a partir de 13 horas e prolongando-se até as 20 horas, existe o comércio nas ruas próximas à Cidade Universitária e na Praça da Batata. Cerca de 100 caminhões, entre vendedores e compradores, negociam entre si e com consumidores e lojistas. Predominam, nessa comercialização, compradores de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul e são comercializadas principalmente flores cortadas.

- A partir das 20 horas e até as 3 horas da madrugada, a venda se transfere para o estacionamento interno da CEASA. Às segundas-feiras passam por ali cerca de 400 caminhões e nas sextas-feiras cerca de 250. Os caminhões dos compradores ficam concentrados em um lado do estacionamento e os vendedores do outro. Isto é importante, pois, ao chegar, o comprador percorre as filas dos caminhões dos vendedores fechando negócios e deixando o número de seu box para onde são encaminhadas as mercadorias. O transporte dos produtos, entre um ponto e outro, é feito por carregadores avulsos que cobram por viagem. Os negócios são fechados por boletos manuais, tornando-os de alto risco, nos quais são comuns os prazos de pagamentos alongados informalmente (o que representa perda financeira), de perda de recebimento e de desvios de mercadoria.

O aspecto positivo da comercialização se refere à concentração da produção de vá-

rias regiões, facilitando a atividade dos compradores.

- A partir das 6 horas e até o meio dia, a comercialização se transfere para o pavilhão do MLP (mercado livre do produtor). Às sextas-feiras ocorre intenso comércio de plantas envasadas. No início do período, são ainda atendidos os atacadistas, sucedidos pelos floristas e feirantes. No final do período, são atendidos os consumidores isolados.

Um destaque do MLP é a comercialização de acessórios que ocupa cerca de 15% do local.

Entre os pontos críticos existentes no processo de comercialização de flores no CEAGESP/São Paulo, podem ser apontados como principais:

- Falta de fiscalização das quantidades comercializadas;
- Falta de padrões de classificação;
- Falta de segurança e estado de deterioração em que se encontra o entreposto;
- Falta de orientação nos comunicados à imprensa, convidando os consumidores a comprarem diretamente no local, transformando-o em um varejão de flores;
- As comercializações que deveriam ser rápidas e dinâmicas prolongam-se por mais de 12 horas.

Ademais, interesses corporativistas e uma complexa malha de relacionamentos informais criam um ambiente de ineficiência e de encarecimento do produto, que resulta em prejuízo ao consumidor final.

Os produtos dessa categoria já têm a sua durabilidade prejudicada pelas suas características de perecibilidade e sujeição às variações climáticas. No estágio atual isto se agrava com o grande número de fases de comercialização. Entre produção e consumo final podem ocorrer até nove movimentações (carregamentos e descarregamentos).

O produto perecível passa por uma verdadeira via sacra para chegar ao consumidor.

Acredita-se que a perda física nesse processo seja de no mínimo 30%.

3.4.2. Veiling Holambra

O Veiling Holambra é o sistema de comercialização fundamentado na concentração diária da oferta e da procura, possibilitando a realização do melhor negócio para aquele momento, em igualdade de condições, ou seja, sem diferenciação ou preferências; por ser um sistema muito ágil, é indicado para comercialização de produtos perecíveis no atacado.

Tem como principais características:

- Ser um mercado transparente e confiável, de forma que pequenos e grandes empresários, valendo-se tão somente de sua capacidade de negociação, possam realizar o seu melhor negócio;

- Concentrar diariamente a oferta e a procura, através de lotes, permitindo a melhor formação de preço para cada produto no momento da comercialização;

- Desenvolver uma padronização nos produtos que permite uma diferenciação de mercado;

- Agilizar a comercialização a fim de minimizar o espaço de tempo entre a colheita e o produto nas mãos do consumidor final, oferecendo, desta forma, diariamente, produtos frescos, conferindo-lhes maior durabilidade;

- Ser um dos pontos referenciais de mercado, fornecendo informações claras e objetivas que permitem a formação de um preço justo.

O Veiling Holambra é um sistema de venda por pregão diário, com capacidade de 216 lugares, onde cada cadastrado pode comprar para três linhas, que foi iniciada em 1989 e informatizada em 1991. O processo que conta com uma forte preocupação com a padronização e com normas de qualidade atende apenas atacadistas e grandes floriculturas.

Além do processo de pregão, há possibilidade de operações especiais tratadas como intermediação. Esse serviço é voltado para as grandes compras dos atacadistas que atendem principalmente *cash and carries*, *gardens centers* e supermercados. As instalações pertencem aos produtores associados, hoje em número de 180, que entregam sua produção exclusivamente para oferta no Veiling.

O pregão ocorre diariamente, exceto às sextas-feiras e aos domingos, das 7 às 10h 30 min aproximadamente. São feitas cerca de 12 vendas por minuto e 2.000 transações por dia para os 250 clientes cadastrados.

O processo operacional começa com a entrega dos produtos, pelos produtores, no prédio do Veiling, no período vespertino. Esses são conferidos e classificados por qualidade (a embalagem já vêm pronta do produtor). A classificação é feita por uma equipe de controle de qualidade. No galpão as mercadorias são agrupadas por espécie (rosas, violetas, gladiolos, etc), pois há um grande número de produtores para diversos tipos de produtos, e os lotes formados recebem uma numeração seqüencial.

Na manhã seguinte, os compradores podem vistoriar os produtos do dia e selecionar quais lotes lhes interessam. Quando começa o pregão, os lotes de produtos já classificados, separados e numerados, são exibidos aos clientes, que vêm na área frontal de suas mesas, informações como quantidade e número do lote. O leiloeiro anuncia o nome do produtor, a classificação de qualidade e o preço inicial (sempre maior que o preço de mercado). Há sorteio entre lotes da mesma espécie para definir qual produto será apresentado primeiro (esse sorteio é diário). À frente da tribuna, há um quadro-resumo com os volumes disponíveis para comercialização naquele dia (o que influencia sensivelmente a sua formação de preço e que precisa ser de plena confiança do cliente). A quantidade total ofertada é informada aos compradores a

fim de que toda produção seja comercializada. A demanda é sentida através do nível de preço praticado; verifica-se se a tendência das primeiras transações é para preços crescentes ou decrescentes.

A quantidade ofertada de produtos em cada classificação de qualidade é decisiva na formação do preço. Existe mercado para todo tipo de produto, porém, é função do Veiling incentivar os itens de melhor qualidade. É importante, ainda, que se misturem produtos de qualidade diferente, pois isso irá abaixar o nível de preço como um todo (primeiro passam os produtos de qualidade A de todas as espécies, depois de qualidade B e assim por diante). Não se deve apresentar as qualidades A, B, C, espécie por espécie). A agilidade das transações é que diferencia o Veiling de um leilão tradicional.

Existe um preço mínimo para cada produto, que, se alcançado, cancela o referido lote que será então destruído. O sistema de preço mínimo é estabelecido de modo que os produtores não tenham que vender seu produto em nível de renda marginal negativa. Em termos econômicos, isso, significa que o grupo de produtores está descartando operar na faixa inelástica da sua curva de demanda, o que jamais poderia ocorrer em um mercado tradicional, onde o produtor é um tomador de preço. Nesse sentido, ele atua exatamente como um monopolista, fazendo frente ao poder de barganha dos compradores.

Esse preço mínimo tem sido formado pelo custo de colheita, embalagem, transporte para o Veiling e pela taxa do Veiling. Se esse for muito baixo, permitirá a especulação do produtor.

Os atacadistas e floristas cadastrados como clientes do Veiling podem ser agrupados em cinco grupos:

a) atacadistas de linhas: fazem rotas, ponto a ponto, por todo o país (inclusive atendendo

a própria CEASA/SP e CEASA/Campinas;

b) despachantes: compram por encomenda das floriculturas e fretam o transporte até o destinatário;

c) comissionários: compram para a floricultura que retira o produto no próprio Veiling. O comissionário é um comprador de flores e plantas que, diante de uma comissão (%), compra no relógio para terceiros. Essa pessoa pode ser especializada em determinado produto ou por tribuna. Funciona como um corretor na bolsa de valores. No setor comercial de Veiling, estão à disposição as diversas informações sobre os comissionários cadastrados;

d) *Cash & Carry*: são grandes supermercados de flores, dois deles com sede dentro do terreno do Veiling e que mantêm estoques para venda a outros atacadistas, floristas e consumidores.

e) floriculturas: compram para suas próprias necessidades.

3.4.3. CEASA Campinas

Dada a localização geográfica de Campinas (SP) – próxima às principais regiões produtoras e às vias de acesso que passam pela cidade (Anhanguera, Bandeirantes e D. Pedro) – o mercado que surgiu como alternativa à comercialização corrente na CEASA/SP cresce a cada mês. Em fevereiro de 1995, foi inaugurado o terminal específico para flores e plantas ornamentais. Esse Mercado Permanente ocupa uma área de quase 30 mil metros quadrados, tem um espaço coberto de 12 mil metros quadrados e conta com 384 boxes de 24 metros quadrados cada um. O espaço coberto conta com uma estrutura metálica e chapas de acrílico que permitem a entrada da luz. Um sistema "chad" é responsável pela estabilização da temperatura interna. O modelo de mercado é único no Brasil. A CEASA/Campinas tem 300 permissionários.

3.5. Números de empregos e salários

As informações sobre o emprego no segmento produtivo da floricultura foram fornecidas por 279 produtores, dos 484 entrevistados, que declaram o número de pessoas empregadas na propriedade e as respectivas categorias, ou seja, se se tratava de mão-de-obra familiar, mensalista ou temporária. Na Tabela 2, pode ser observado o número de pessoas ocupadas com cultivo de flores em alguns municípios do Estado de São Paulo. Os dados mostram que do total de empregos declarados, 10% referem-se à mão-de-obra familiar (proprietário e familiares), 86%, à mão-de-obra mensalista, e 4%, à mão-de-obra temporária. Quanto ao número de pessoas empregadas por hectares, os dados variam de 0,84H/ha até 23,75 H/ha, mas a média ponderada por área mostra que a floricultura emprega 4 pessoas por hectare, independente do tipo de cultivo e dos produtos cultivados, porém em se tratando de produção de mudas de ornamentais de grande porte, como ocorre no Vale do Ribeira, a média é de 1,45 pessoas por hectare.

Quanto aos salários pagos, a média é de 1,5 salários mínimos para os empregados mensalistas e R\$ 10,00 por dia para os temporários.

3.6. Principais doenças, pragas e defensivos usados na floricultura

3.6.1. Doenças

“O problema de doenças em plantas ornamentais é bastante particular devido às características de cultivo: grande número de espécies vegetais; diversidade de condições ambientais exigidas pelas plantas; falta de plantas matrizes certificadas, de padronização na comercialização e controle de qualidade, de centros de pesquisa e treinamento de pessoal, de infra-estrutura para criar e man-

ter um mercado interno e exportador a preços competitivos” (PITTA, 1995).

Com o objetivo de conhecer as doenças da floricultura no Estado e orientar os produtores quanto ao controle e profilaxia das mesmas, o levantamento do IBRAFLO abrangeu alguns dados relativos à ocorrência das principais doenças diagnosticadas, tendo sido declaradas 12 doenças diferentes. A ocorrência maior é de doenças fúngicas, seguindo-se de doenças bacterianas e viróticas.

Em termos de ocorrências, as principais doenças fúngicas são: ferrugem, mofo-cinzento, murcha, oídio, pinta-preta, míldio, podridões e antracnose. Quanto às doenças bacterianas, foram mencionadas as seguintes: mancha bacteriana e murcha bacteriana. As doenças viróticas não foram diagnosticadas, tendo sido declaradas, apenas, como virose.

3.6.2. Pragas

Quanto às pragas causadoras de danos para a floricultura, foram identificadas 12 espécies diferentes, porém, em termos de ocorrências, as principais são: ácaros, tripes, pulgão, bicho-mineiro, cochonilha, lagartas, mosca minadora, lesma e vaquinha.

3.6.3. Defensivos agrícolas

Foram declarados um total de 50 defensivos, sendo 30 fungicidas e 20 inseticidas. Dos fungicidas mencionados, os de uso mais corrente são: Dithane, Daconil, Manzate, Benlate, Ridomil, Captan, Rovral, Sapro, Cercobin, Agrimicina, Aliete e Kobutol. Dentre eles, apenas o Benlate, a Agrimicina e o Kobutol não possuem registros para uso em floricultura e ornamentais.

Quanto aos inseticidas, os mais usados são: Vertimec, Folidol, Decis, Trigard, Tamaron, Thiodan e Supracid, sendo que os três últimos não possuem registros para floricultura e ornamentais.

Tabela 2. Número de pessoas ocupadas com floricultura em alguns municípios do Estado de São Paulo.

Obs.	Município	Área com flor	Mão-de-obra familiar	Mão-de-obra mensal	Mão-de-obra diarista	Total de Mão-de-obra	Mão-de-obra (ha)
1	Aguai	1,00	0	4	4	8	8,00
2	Artur Nogueira	0,80	4	15	0	19	23,75
3	Arujá	40,92	19	124	4	147	3,59
4	Atibaia	275,98	80	715	13	808	2,93
5	Bom Jesus dos Perdões	4,50	7	18	10	35	7,78
6	Bragança Paulista	10,33	5	24	0	29	2,81
7	Cabreúva	48,40	0	30	0	30	0,62
8	Campinas	26,94	3	62	0	65	2,41
9	Casa Branca	50,50	0	44	5	49	0,97
10	Cotia	4,15	13	14	0	27	6,51
11	Embu	4,42	8	13	0	21	4,75
12	Embu-Guaçu	4,84	0	12	0	12	2,48
13	Franco da Rocha	10,00	0	10	0	10	1,00
14	Guararema	23,75	12	34	6	52	2,19
15	Guarulhos	17,80	15	18	4	37	2,08
16	Holambra	107,69	34	582	23	639	5,93
17	Ibiúna	127,94	42	515	28	585	4,57
18	Itapetininga	32,00	1	41	0	42	1,31
19	Itaquaquecetuba	9,50	11	26	0	37	3,89
20	Jacaré	86,27	25	173	1	199	2,31
21	Jundiaí	11,30	11	20	0	31	2,74

continua

Tabela 2. Conclusão

Obs.	Município	Área com flor	Mão-de-obra familiar	Mão-de-obra mensal	Mão-de-obra diarista	Total de Mão-de-obra	Mão-de-obra (ha)
22	Juquiá	50,00	0	42	0	42	0,84
23	Limeira	3,46	5	9	0	14	4,05
24	Mairinque	7,61	9	12	2	23	3,02
25	Mogi das Cruzes	70,25	61	145	4	210	2,99
26	Mogi Mirim	9,20	0	93	0	93	10,11
27	Monte Mor	1,54	3	7	0	10	6,49
28	Parapanema	60,56	23	371	6	400	6,61
29	Paulínia	1,50	0	7	0	7	4,67
30	Piracaia	2,20	6	0	0	6	2,73
31	Registro	11,18	2	15	0	17	1,52
32	Salesópolis	9,68	0	16	0	16	1,65
33	Santa Izabel	3,90	0	10	0	10	2,56
34	São José dos Campos	59,50	20	61	0	81	1,36
35	São Lourenço	0,20	1	2	0	3	15,00
36	São Paulo	12,98	6	17	2	26	2,00
37	São Roque	13,76	14	31	0	45	3,27
38	Santo Antonio da Posse	46,27	13	334	20	367	7,93
39	Santo Antonio do Jardim	10,70	0	53	0	53	4,95
4	Vargem Grande Paulista	3,00	8	12	0	20	6,67
41	Várzea Paulista	6,00	0	13	0	13	2,17
TOTAL		1.282,52	461	3.744	133	4.338,00	

As tabelas 3 e 4 mostram as doenças, pragas e defensivos de maior ocorrência.

Tabela 3. Principais doenças e pragas incidentes em flores e plantas ornamentais declaradas por produtores do Estado de São Paulo

Doenças	Pragas
Ferrugem	Ácaros
Mofo Cinzento	Tripes
Murcha	Pulgão
Oídio	Bicho Mineiro
Pinta Preta	Cochonilha
Míldio	Lagartas
Podridões	Mosca Minadora
Antracnose	Lesma
	Vaquinha

Fonte: Resultados da pesquisa.

Tabela 4. Principais inseticidas e fungicidas declarados e grau de toxicidade

Fungicidas	Reg. ¹	Toxicidade	Inseticida	Reg. ¹	Toxicidade
Dithane	X	III	Vertimec	X	I
Daconil BR	X	II	Folidol	X	I
Manzate 800	X	III	Decis	X	II
Benlate 500	-	-	Trigard	X	III
Ridomil	X	II	Tamaron	-	-
Captan 480 SC	X	III	Thiodan CE	-	-
Rovral	X	IV	Supracid 400 CE	-	-
Saprol	X	II			
Cercobin	X	IV			
Agrimicina	-	-			
Aliete	X	IV			
Kobutol	-	IV			

¹ Produtos registrados para uso em floricultura (X), sem registro (-).

Fonte: Resultados da pesquisa.

LITERATURA CITADA

- PITTA, G.P.B. Flores e plantas ornamentais para exportação: aspectos fitossanitários. Brasília: EMBRAPA/SP, 1995. 50p. (Publicações Técnicas FRUPEX, 17).

4. CONCLUSÕES

O levantamento realizado pelo IBRAFLORE permitiu que se conhecessem, com mais detalhes, alguns aspectos do segmento produtivo da cadeia de flores e plantas ornamentais do Estado de São Paulo, contribuindo para a elaboração de um diagnóstico bem próximo da realidade atual. Dentre os aspectos positivos, há o conhecimento dos tipos atuais de cultivo e dados mais precisos sobre o emprego da mão-de-obra, que, de certa forma, estão relacionados.

Outros aspectos, como dados de área e produção, ficaram prejudicados, uma vez que o levantamento abrangeu apenas 484 produtores de uma população estimada em 1.500.